

Cinema de garagem



A nova cena do cinema jovem brasileiro já tem seu primeiro esboço de perfil. Em vários aspectos, *Cinema de garagem* se assemelha a muitos dos filmes que aborda. Foi editado com recursos próprios dos autores. Resulta de um trabalho colaborativo entre Marcelo Ikeda e Dellani Lima, que, entre outras coisas, dividem os ofícios de cineastas e curadores de eventos de cinema. Como diversos realizadores jovens, eles transitam entre polos regionais diferentes: Marcelo mudou-se recentemente do Rio para Fortaleza, enquanto Dellani, nascido na Paraíba, formou-se no e atua há 11 anos em Belo Horizonte.

Não por acaso, Minas e ocupam lugar de destaque nesse “Inventário afetivo sobre o jovem cinema brasileiro do século XXI”, como se apresenta o livro no subtítulo. Daí talvez a insuficiência que impede de se ver ali um balanço mais completo de uma cena em que se destacam igualmente produções do Rio, São Paulo e, sobretudo, de Pernambuco. A seu favor, os autores dispensam a pretensão de “dar conta” de tudo o que ocorreu de inovador no período 2000-2010. Pretendem apenas demarcar formas de criação e apontar picos de inventividade nessa década que, significativamente, fechou com as vitórias simbólicas do cearense *Estrada para Ythaca* na Mostra de Cinema de Tiradentes e do mineiro *O céu sobre os ombros* no Festival de Brasília.



Para esses observadores, carinhosos mais que críticos, o que define um certo tipo de cinema que pode ser chamado “de garagem”? Isso passaria tanto pelo modelo de produção quanto pelo processo de criação. Muitos desses filmes, mesmo de longa metragem, são feitos sem dinheiro de editais ou de grandes patrocinadores. Respondem a um desejo mais de expressão que de reconhecimento. Em alguns casos, o propósito de viver “no” cinema supera o de viver “do” cinema, refletindo uma linha de continuidade entre o profissional e o vivencial. A assinatura do autor é diluída entre vários signatários, que ora se agrupam em conjuntos (Alumbramento, Teia etc.), ora se permutam em redes através de vários estados.

A internet é apontada como a grande responsável por uma nova explosão de cinefilia que forma o campo de referências desses novos diretores. E aí não temos mais a hegemonia do Cinema Novo nem mesmo do Cinema Marginal, mas um cardápio de admirações que alcança o cinema asiático, a vanguarda americana dos anos 1960 e 70 (incluindo John Cassavetes) e ídolos como Pedro Costa, Chantal Akerman e Claire Denis.

Um forte sentimento de grupo se delinea nas argumentações dos autores do livro, fruto de seu franco engajamento na cena que descrevem e das estirpes que elegem como marcos comparativos. Valores como “amizade” e “afeto” não só estão na gênese desse cinema como repercutem nas análises que dele se faz. Dellani Lima, autor de projetos nas áreas de música e cinema, além de cineasta ultraindependente, cunhou o termo “cinema de garagem” para uma mostra de filmes. Ele ocupa a primeira parte do livro com seu estilo caudaloso e enumeratório, trabalhando com justaposições não narrativas que procuram mapear as características do contexto em que esse novíssimo cinema floresceu. Na segunda metade, Marcelo Ikeda, que é também crítico e professor, se fixa em filmes, realizadores e grupos.

A figura do autor pode estar em questão, mas não deixa de guiar as escolhas de Ikeda. De seus textos se depreende a importância, para a nova cena, dos irmãos Luiz e Ricardo Pretti, do diretor de fotografia Ivo Lopes Araújo, de Cao Guimarães, Helvécio Marins Jr., Marco Dutra, André Sucato e Guto Parente, para citar os que têm mais filmes mencionados. Muito significativamente, Luiz Rosenberg Filho é o único veterano a merecer um artigo específico, por conta de seu “exemplo de lucidez e resistência”.

Se de um lado a postura crítica dos autores soa cautelosa ao recuar sempre de hierarquias e totalizações, de outro assume preferências de maneira explícita e às vezes retumbante. Como quando Ikeda, ao analisar o documentário de Cao Guimarães e Pablo Lobato, conclui peremptório: “acredito que o cinema deva ser como *Acidente*”. Ikeda, aliás, insere no livro seu sonoro manifesto por uma crítica que seja não um porto seguro, mas “um barco à deriva”, que prefira a dúvida às certezas de

especialistas. No entanto, suas próprias notas críticas sobre filmes alheios estão repletas de afirmações convictas e adjetivos policromáticos.

Se a contradição pode ser tomada aqui como uma virtude, isso se deve ao caráter “de garagem” do livro em si. Ele nasceu do desejo de oferecer, de bate-pronto, um pacote de reações aos filmes, muitas vezes no ato mesmo de sua primeira exibição. Em vez de reflexão distanciada, *Cinema de garagem* é, em sua maior parte, uma coletânea de textos publicados em catálogos de mostras e *blogs* frequentados pelos autores, que acompanham a cena desde seu alvorecer. Daí vêm uma certa descontinuidade, algumas repetições e principalmente o sentido de urgência que norteou aqueles artigos.

As ideias passam quentes de eventos como a Mostra de Tiradentes, a Mostra do Filme Livre (RJ), o Cine Esquema Novo (RS) e a Mostra Indie (BH), onde esse panorama se formou e prosperou na última década. O livro não se limita a apresentá-lo a partir de suas raízes. Quer também fazer a defesa de um “cinema mínimo” (no dizer de Dellani) que afete o espectador (seja ou não pelo afeto) e transborde da vida de quem faz diretamente para o mundo de quem vê. O cinema como vocação, mais que como profissão.

